

frente&verso

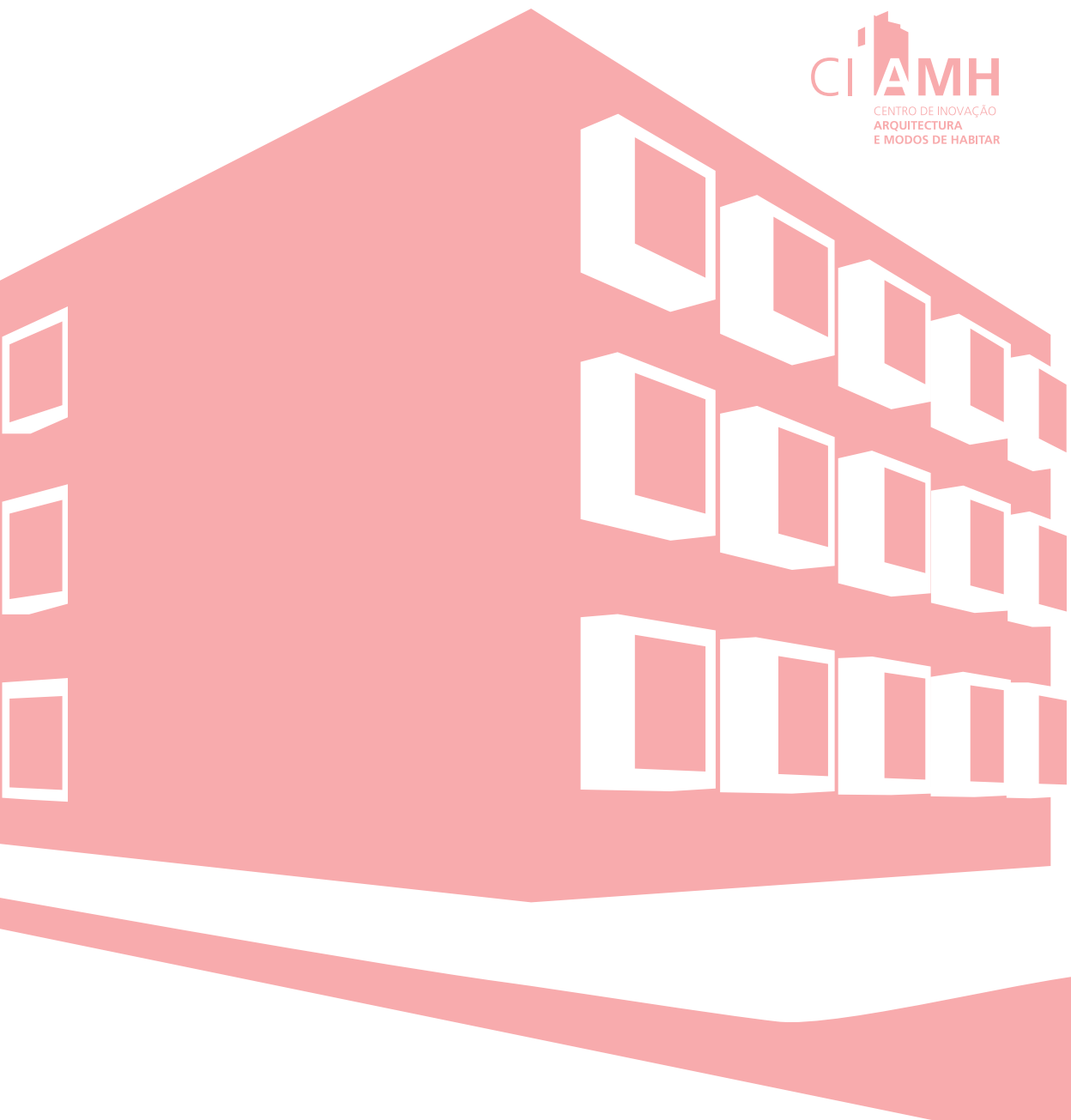
documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

edifício de habitação colectiva
Edifício de Águas Santas
João Álvaro Rocha

13

CIAMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Um jogo geométrico

O edifício de Águas Santas da autoria do arquiteto João Álvaro Rocha (1959-2014), a quem dedicamos, este número com a publicação de um corte construtivo e respetiva pormenorização de um vão, evidencia de um modo preciso a necessária ideia de rigor conceptual e construtivo que todo o projeto de arquitetura deve incluir.

Trata-se de um pequeno edifício de habitação coletiva com apenas 3 habitações iguais (sobrepostas) sendo no rés-do-chão o piso de entrada dos apartamentos e do acesso às garagens que se localizam no interior e encerradas.

Com uma planta próxima de um quadrado, o exercício de composição dos espaços assenta numa geometria ortogonal, perpendicular ao plano da fachada que corresponde à única entrada do edifício.

No entanto é uma parede paralela a esta fachada, uma parede “*estrutural, técnica e semiexterior*”, que define toda a composição e o desenho da organização espacial do fogo separando a área comum (a caixa de escadas) do interior da habitação, onde se associam as instalações sanitárias e a cozinha (a zona de águas).

Mais do que uma ideia de criação de diferentes espacialidades dentro do fogo, a proposta e a solução, resultam de um ideal de estruturação e de associação dos diferentes modelos funcionais que uma habitação integra.

Contudo e apesar do processo de criação e de organização do fogo resultar desta visão mais “*estruturalista*” que formal; mais “*tecnicista*” que geométrica; verificamos que subsiste ainda uma separação

das funções como a área de dormir e a área social; a área da sala e cozinha da área dos quartos, ou seja, a manutenção de uma matriz tipológica hegemónica que este projeto valoriza.

Mas, não é apenas de uma estratégia “*técnica*” de que a planta dos fogos nos fala. Há toda uma ideia espacial de habitar como um jogo geométrico assente na composição e na abstração que João Álvaro Rocha desenvolve nesta obra.

Explorando uma ideia de espaço contínuo, reduzindo as circulações, integrando-as como espaço útil, ficando a perceção de que o habitar é uma experiência meramente interior. Talvez por isso a ausência de janelas com uma comunicação franca com o exterior.

Aqui o exterior compreende-se através de duas únicas fenestрации, de desenho quadrado, uma para a caixa de escadas, iluminando os sanitários e outra em pequenos módulos salientes fazendo do alçado um volume monolítico e sem apelo a qualquer emoção.

As fachadas são abstratas e sem grande variedade de materiais, uma geometria essencial, rigorosa e próxima de uma forma pura, onde as fenestрации – de reduzidas dimensões cujo avanço sobre a rua parecem citar ora Losa, ora Erskine – alinham-se iconograficamente na grande massa que a fachada define.

A escala do volume, marcando assumidamente o gaveto, enfatiza a preponderância do cheio sobre o vazio. A escolha dos materiais, a simplicidade de recursos, a repetição dos módulos, parecem querer recuperar uma arquitetura próxima de um racionalismo que num certo momento foi deixando para trás.



da obra João Alvaro Rocha

O volume proposto ao respeitar na essencialidade da sua forma os alinhamentos estabelecidos não quer afirmar outra coisa que não seja o “reforço” da malha urbana em que se insere – quer nela participar, dela recolhendo os argumentos de que necessita para o seu próprio desenho.

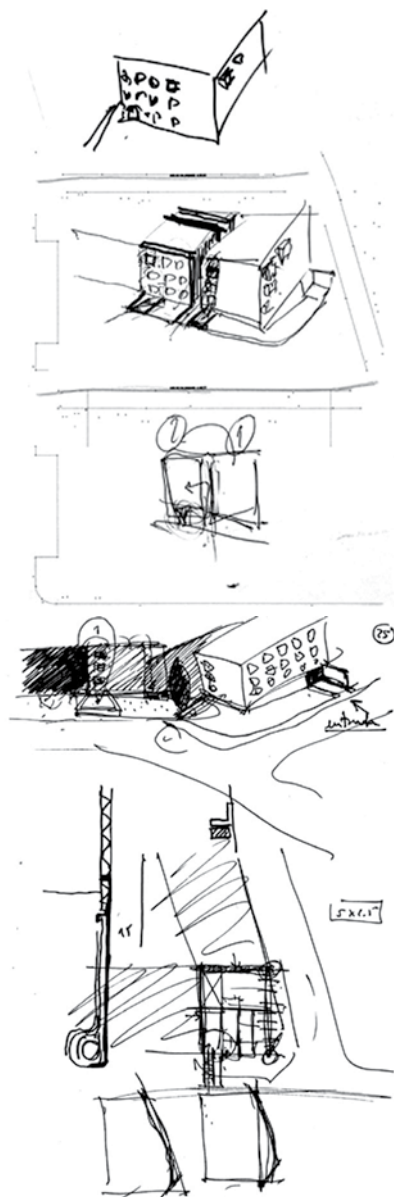
A tensão que caracteriza o lugar que ocupa é a razão de ser do seu acontecer - a aparente tranquilidade da sua imagem não representa mais do que a consciência dessa mesma tensão, não a iludindo mas, pelo contrário, assumindo-a como sua.

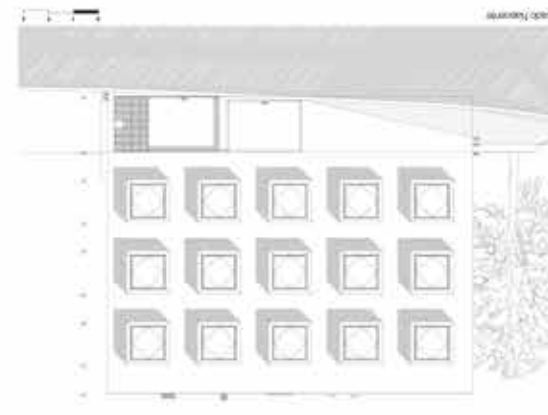
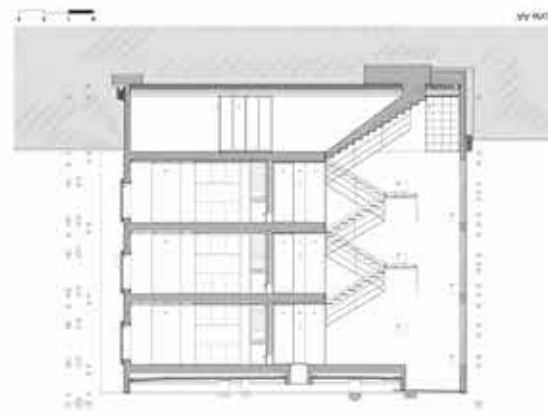
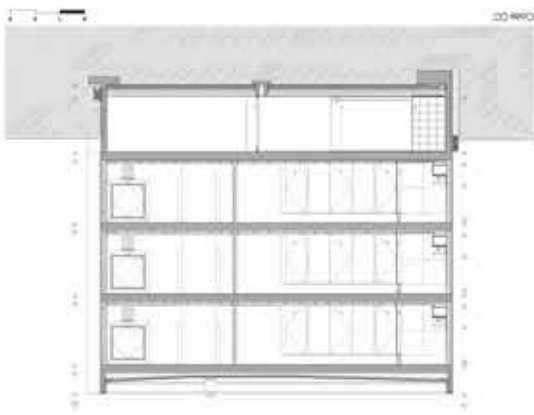
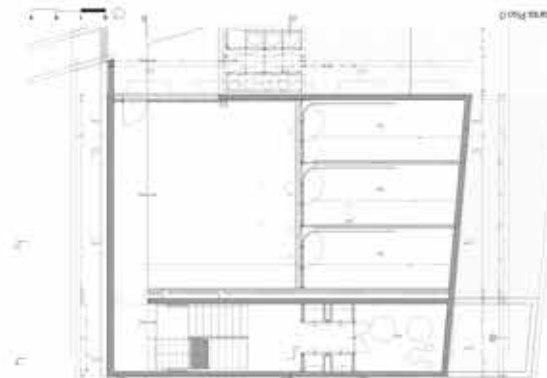
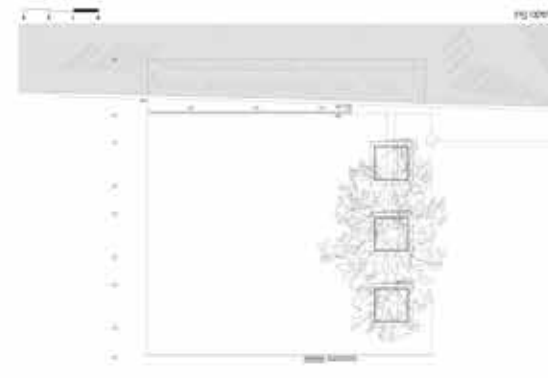
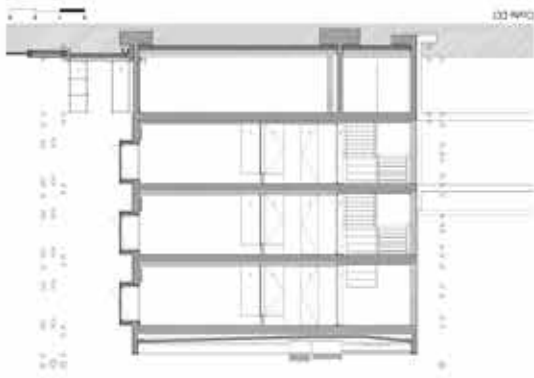
A procura de sentido que sempre deve acontecer numa composição arquitetónica explica a visibilidade que se quer dar à diversidade funcional que inevitavelmente caracteriza um edifício de habitação multifamiliar deste tipo – a sua materialização não deve ignorar essa diversidade, mas pode organizá-la em categorias, propondo uma ordem que defina uma hierarquia, um ritmo e uma sequência.

Assim, o piso inferior (cave) pode ser visto como um pódio “naturalmente” adaptado à pendente do terreno e que serve de suporte aos restantes níveis do edifício.

Os três pisos superiores, integralmente ocupados com habitação, configuram-se num único elemento, numa “caixa” que só aparentemente é independente da base (cave) que a suporta e que se expressa de um modo mais aberto e mais transparente, deixando pressentir através da simplicidade da sua geometria a complexidade que contém.

O rigor colocado no desenho destas duas unidades de composição não representa mais do que um esforço de precisão no modo de as articular dentro de um corpo único, coeso e inteligível.





da obra João Álvaro Rocha

O volume proposto ao respetar na essencialidade da sua forma os alinhamentos estabelecidos não quer afirmar outra coisa que não seja o "reforço" da malha urbana em que se insere - quer nela partilhar, dela recolhendo os argumentos de que necessita para o seu próprio desenho.

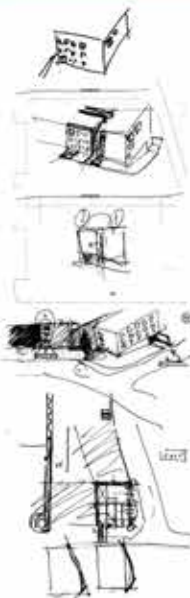
A tensão que caracteriza o lugar que ocupa é a razão de ser do seu acontecer - a aparente transitoriedade da sua imagem não representa mais do que a consciência decida mesma tensão, não a ilusão mas, pelo contrário, assumindo-a como sua.

A procura de sentido que sempre deve acontecer numa composição arquitectónica explica a estabilidade que se quer dar à diversidade funcional que inevitavelmente caracteriza um edifício de habitação multifamiliar deste tipo - a sua materialização não deve ignorar essa diversidade, mas pode organizá-la em categorias, propondo uma ordem que defina uma hierarquia, um ritmo e uma sequência.

Assim, o piso inferior (base) pode ser visto como um pódo "naturalmente" adaptado à pendente do terreno e que serve de suporte aos restantes níveis do edifício.

Os três pisos superiores, integralmente ocupados com habitação, configuram-se num único elemento: numa "caixa" que só aparentemente é independente da base (pois que a suporta e que se expressa de um modo mais aberto e mais transparente, devendo apresentar-se de uma simplicidade da sua geometria a complexidade que contém).

O rigor colocado no desenho destas duas unidades de composição não representa mais do que um esforço de precisão no modo de se estruturar dentro de um corpo único, coeso e inteligível.



ELEVADORES

O elevador modificou a arquitectura. É a arquitectura por sua vez inspirar-nos a criar um design inovador. Claro na forma e na função. Qualidade máxima para uma arquitectura exigente.



S+
SCHMITT + SOHN
ELEVADORES

www.schmitt-sohn-elevadores.com



frente&verso

edifício de habitação colectiva
Edifício de Água Santos
João Álvaro Rocha



editorial Colina Maria Lacerda Lopes Um jogo geométrico

O edifício de Água Santos da autoria do arquiteto João Álvaro Rocha (1959-2016), a quem dedicamos, este número com a publicação de um corte construtivo a respeito da intervenção de um vício evidente de um modo preciso a necessidade de ligar conceptual e construtivo que todo o projeto de arquitetura deve incluir.

Trata-se de um pequeno edifício de habitação coletiva com apenas 3 habitações (sobrepostas) sendo no rés-do-chão o piso de entrada dos apartamentos e do acesso às garagens que se localizam no interior e encobertas.

Com uma planta próxima de um quadrado, o eixo de composição dos espaços assenta numa geometria ortogonal, perpendicular ao plano da fachada que corresponde à única entrada do edifício.

No entanto é uma parede paralela à sala fachada, uma parede "estrutural, hierónica e semelheçante", que define toda a composição e o desenho da organização espacial do lugar separando a área comum (a sala de estar) do interior da habitação, onde se associam as instalações sanitárias e a cozinha (a zona de água).

Mas do que uma ideia de criação de diferentes especificidades dentro do lugar, a proposta e a solução, resultam de um ideal de estruturação e de associação dos diferentes modelos funcionais que uma habitação integra.

Contudo e apesar do processo de criação e de organização do lugar resultar desta visão mais "estruturalista" que formal, mais "técnica" que geométrica, verificamos que subsiste ainda uma separação

das funções como a área de dormir e a área social, e área da sala e cozinha de uma dos quartos, ou seja, a manutenção de uma matriz tipológica hegemónica que este projeto violava.

Mas, não é apenas de uma estratégia "técnica" de que a planta dos fogos nos fala. Há toda uma ideia especial de habitar como um jogo geométrico assente na composição e na abstração que João Álvaro Rocha desenvolve nesta obra.

Explorando uma ideia de espaço contínuo, reduzindo as circunvalações, integrando-as como espaço útil, criando a percepção de que o habitar é uma experiência realmente interior, talvez por isso a ausência de janelas com uma comunicação franco com o exterior.

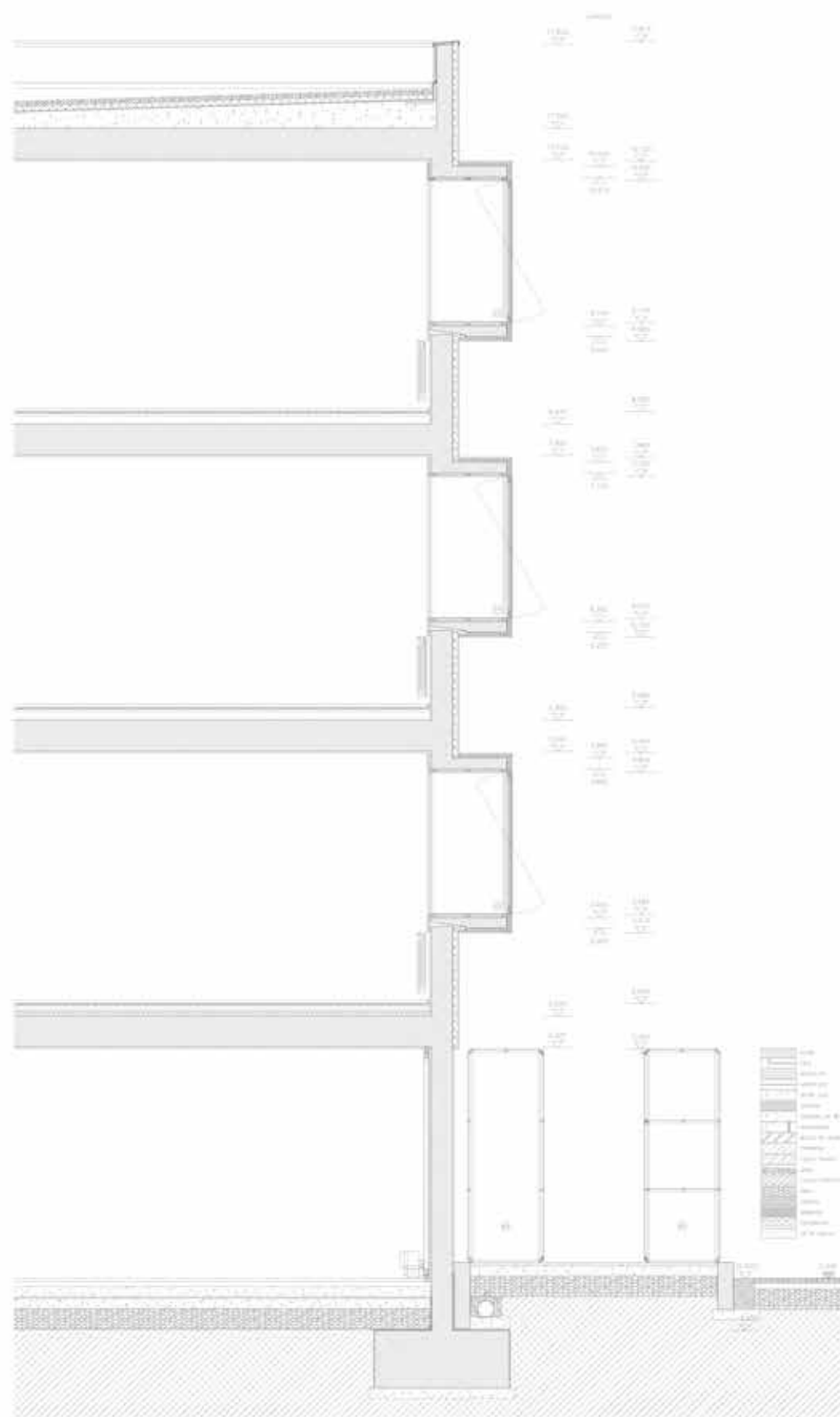
Aqui o exterior compreende-se através de duas únicas fenestrações, de desenho quadrado, uma para a sala de estar, iluminando os sanitários e outra em pequenos módulos salientes fazendo do alçado um volume monolítico e sem apelo a qualquer emoção.

As fachadas são abstratas e sem grande variedade de materiais, uma geometria essencial, rigorosa e próxima de uma forma pura, onde as fenestrações - de reduções dimensionais cujo avesso sobre a rua parecem citar os Lúxos, os Etruscos - silhavam-se inconspicuamente na grande massa que a fachada define.

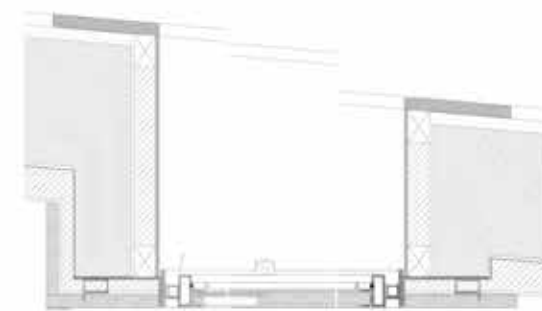
A escolha do volume, marcando assumidamente o gesto, enfatiza a preponderância do cheio sobre o vazio. A escolha dos materiais, a simplicidade de recursos, a repetição dos módulos, parecem querer recuperar uma arquitetura próxima de um racionalismo que num certo momento foi deixando para trás.



Corte Construtivo



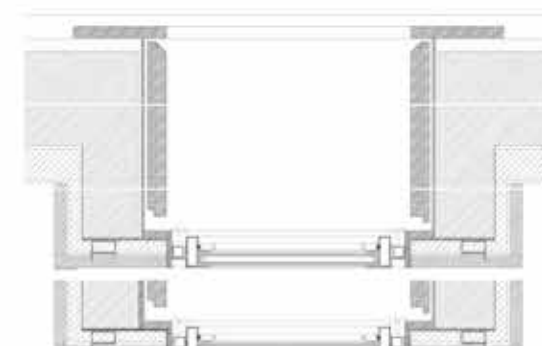
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100



Planta 1 - Vão 218



Planta 2



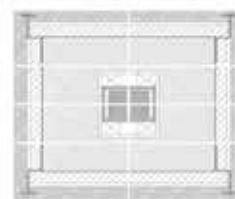
Planta 3



Planta 4



Acrometria da zona de distribuição



P1 - Planta das pedras lápis
Ano de projeto: 1988 / Ano de construção: 2000



**SCHMITT+SOHN
ELEVADORES**

ELEVADORES

O elevador modificou a arquitectura. E a arquitectura por sua vez inspirou-nos a criar um design inovador. Claro na forma e na função. Qualidade máxima para uma arquitectura exigente.



www.schmitt-elevadores.com



U. PORTO

UNIVERSIDADE
DO PORTO
FACULDADE
DE ARQUITECTURA

CENTRO
DE ESTUDOS
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO
CEAU

CENTRO
DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS
DE HABITAR
CIAMH

Edições CIAMH - Centro de Inovação em
Arquitectura e Modos de Habitar
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto PORTUGAL
www.arq.up.pt | (+351) 226 057 100
ciamh.faup@gmail.com

Coordenação Editorial Nuno Lacerda Lopes
Impressão Gráfica S. Miguel, Lda.
Fotografia Arquivo do autor
Todos os direitos reservados © CIAMH e autores
ISSN 2182-8237



CIAMH

COMPETE

QR
QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013

UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia